

DAVID R. HAWKINS

PODER
VERSUS
FORÇA

Tradução de
Francisco Silva Pereira

alma
dos
livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019
Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © 1995, 1998, 2004, 2012 por David R. Hawkins
Publicado originalmente em língua inglesa
no ano de 1995, por Veritas Publishing, Arizona, USA.

Título: *Poder versus Força*
Título original: *Power vs. Force*
Autoria: David R. Hawkins
Tradução: Francisco Silva Pereira
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Vera Braga/ Alma dos Livros
Imagem de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-8907-70-7
Depósito legal:
1.ª edição: abril de 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na Lei.

Neste livro não se presta aconselhamento clínico nem se sugere qualquer técnica como forma de tratamento para problemas físicos, emocionais ou de saúde sem o conselho de um especialista, direta ou indiretamente. A intenção é apenas oferecer informações de natureza geral para o ajudar na busca do bem-estar emocional e espiritual. Se o leitor usar qualquer uma das informações aqui contidas, o que é um direito seu, o autor e a editora não assumem qualquer responsabilidade pelas ações tomadas. Ilustração da página 51 reimpressa com permissão da William Morris Agency, Inc. em nome do autor. © 1987 por James Gleick.

*Os hábeis não são óbvios;
aparentam ser simples.
Aqueles que sabem isto, conhecem os padrões do Absoluto.
Conhecer os padrões é o Poder Subtil.
O Poder Subtil move todas as coisas e não tem nome.*

Gloria in Excelsis Deo!

ÍNDICE

Prólogo original	11
Prefácio original	17
Novo prólogo	25
Novo prefácio	37
Introdução	39

PRIMEIRA PARTE: AS FERRAMENTAS

Capítulo 1 – Progressos fundamentais no conhecimento	47
Capítulo 2 – História e metodologia	57
Capítulo 3 – Resultados dos testes e a sua interpretação	69
Capítulo 4 – Níveis da consciência humana	74
Capítulo 5 – Distribuição social dos níveis de consciência	89
Capítulo 6 – Novos horizontes na investigação	94
Capítulo 7 – Análise quotidiana do ponto crítico	103
Capítulo 8 – Fonte do poder	115

SEGUNDA PARTE: O TRABALHO

Capítulo 9 – Padrões de poder nas atitudes humanas	125
Capítulo 10 – O poder na política	131
Capítulo 11 – O poder no mercado	138
Capítulo 12 – O poder e o desporto	145
Capítulo 13 – O poder social e o espírito humano	151
Capítulo 14 – O poder nas artes	158
Capítulo 15 – O génio e o poder da criatividade	163
Capítulo 16 – Sobreviver ao sucesso	168
Capítulo 17 – A saúde física e o poder	171
Capítulo 18 – O bem-estar e o processo da doença	175

TERCEIRA PARTE: O SIGNIFICADO

Capítulo 19 – Base de dados da consciência	185
Capítulo 20 – Evolução da consciência	190
Capítulo 21 – Estudo da consciência pura	200
Capítulo 22 – Esforço espiritual	209
Capítulo 23 – Busca da verdade	216
Capítulo 24 – Resolução	227

APÊNDICES

Apêndice A – Calibragem da verdade dos capítulos	235
Apêndice B – O mapa da consciência	237
Apêndice C – Como calibrar os níveis de consciência	239
Bibliografia	249
Notas	261
Glossário	273
Sobre o autor	281

INTRODUÇÃO

Toda a iniciativa do ser humano tem como objetivo comum e não declarado entender ou influenciar a própria experiência. Para este fim, o homem desenvolveu inúmeras disciplinas descritivas e analíticas: ética, filosofia, psicologia e outras. Quantidades impressionantes de tempo e dinheiro são investidas na recolha e análise de dados, em tentativas de prever as tendências humanas. Implícita nesta busca frenética está a expectativa de encontrar uma «resposta» definitiva. Parecemos acreditar que, uma vez encontrada, nos permitirá resolver os problemas da economia, do crime, da saúde nacional ou da política. Mas, até agora, não solucionámos nenhum.

Não nos faltam indicadores – quase nos afogamos neles. Só não dispomos das ferramentas adequadas para interpretar o significado dos dados. Ainda não fizemos as perguntas certas porque não tivemos como avaliar corretamente a sua relevância ou precisão. O dilema do homem – agora e sempre – é que ele identifica erroneamente os artefactos intelectuais como sendo a realidade.¹ Mas estas suposições artificiais são meros produtos de um ponto de percepção arbitrário. A inadequação das respostas que recebemos é consequência direta das limitações implícitas dos pontos de vista de quem pergunta. Pequenos erros na formulação das questões resultam em erros grosseiros nas respostas.

O entendimento não procede da análise dos dados; vem da análise deles num contexto particular. Pois são inúteis até sabermos o que significam. Para os entender, não basta fazer a pergunta certa: também precisamos dos instrumentos apropriados para os avaliar num processo significativo de classificação e descrição.

A maior parte do comportamento humano manteve-se indecifrável não obstante as tentativas de o entender em profundidade.

Os sistemas que criamos para alcançar a compreensão podem parecer extensivos e impressionantes, mas cada um deles levou-nos para um beco sem saída em virtude das limitações inerentes à sua concepção original. À medida que exploramos a natureza dos problemas do homem, torna-se claro que nunca existiu um padrão experimental fiável com o qual medir e interpretar as motivações e experiências ao longo da história.

Em todos os seus ramos, a filosofia tenta compreender a experiência humana criando abstrações e hipotecando a sua concordância com alguma realidade suprema. Os sistemas políticos baseiam-se em suposições sobre valores humanos relativos que não possuem base factual demonstrável. Os sistemas de moralidade traduzem-se em tentativas arbitrárias de reduzir as enormes complexidades do comportamento humano às categorias simplistas do certo e do errado. A psicanálise, ao expor a mente inconsciente, agravou esta confusão, originando uma variedade desconcertante de tratamentos e psicologias derivadas de diversos pontos de vista. Este tagarelar contínuo que é a tentativa de o homem se entender a si próprio produz por fim um pântano semântico no qual qualquer coisa que se possa dizer é provavelmente verdadeira até certo ponto. Em virtude da incerteza quanto à natureza exata da causalidade, mesmo quando são obtidos resultados mensuráveis, estes sujeitam-se a ser atribuídos a causas facciosas.

Os erros fatais dos sistemas de pensamento foram: (1) falha na diferenciação entre subjetivo e objetivo; (2) falta de atenção às limitações do contexto inerente à concepção básica e à terminologia; (3) ignorância da natureza da própria consciência; e (4) compreensão errónea da natureza da causalidade. As consequências tornar-se-ão óbvias à medida que explorarmos as principais áreas da experiência humana segundo outra perspectiva, com novas ferramentas.

A sociedade esforça-se constantemente para corrigir os efeitos em lugar das causas, razão pela qual a evolução da consciência humana avança tão devagar. A humanidade não está senão no primeiro degrau da escada: ainda não resolvemos problemas tão primitivos como a fome no mundo. Os feitos da humanidade até agora, na realidade, são mais impressionantes por terem sido alcançados – quase às cegas – por tentativas e erros. Embora esta busca aleatória de soluções tenha resultado num labirinto de uma complexidade desconcertante,

as respostas verdadeiras têm a marca da simplicidade. A lei básica do universo é a *economia*. O universo não desperdiça um *quark*; tudo serve um propósito e se encaixa num equilíbrio – não existem acontecimentos supérfluos.

O homem está preso na falta de conhecimento sobre si mesmo até aprender a olhar além das circunstâncias aparentes. Podemos constatar na história humana que as respostas nunca surgem da identificação das chamadas «causas» no mundo. Necessário será identificar as condições subjacentes; e essas apenas existem na consciência do homem. Não é possível encontrar uma resposta definitiva para qualquer problema isolando sequências de acontecimentos e projetando neles uma noção mental de «causalidade». *Não existem causas reais no mundo observável. Como iremos demonstrar, o mundo observável é um mundo de efeitos.*

Qual é o prognóstico do homem? Em virtude dos subsistemas caóticos, a sociedade é um gigante desembestado, inerentemente condenado? Esta perspectiva encontra-se subjacente numa apreensão social geral quanto ao futuro. A investigação internacional indica um elevado nível de infelicidade em todo o mundo, até nos países mais avançados.² Enquanto a maioria das pessoas se resigna a uma visão pessimista e reza por uma vida melhor no «além», os poucos visionários que preveem um futuro utópico são incapazes de descrever os meios necessários para o fazer acontecer. A sociedade precisa de *visionários de meios, não de sonhadores de fins*. Quando tivermos os meios, os fins revelar-se-ão.

A dificuldade em descobrir meios eficazes deve-se à nossa incapacidade para diferenciar o essencial do não essencial. Até agora, nenhum sistema nos permitiu distinguir as soluções poderosas e eficazes das fracas e ineficazes. Os meios de avaliação foram inerentemente incapazes de efetuar uma avaliação realista.

Muitas vezes, as escolhas sociais resultam da conveniência, de falácias estatísticas, de sentimentos, de pressões políticas ou dos *media*, de preconceitos e de interesses criados. Decisões cruciais que afetam a vida no planeta são tomadas sob condições que praticamente garantem o fracasso. Como não dispõem da necessária base de realidade para formular soluções eficazes para os problemas, as sociedades recuam uma e outra vez, e recorrem à força (nas várias expressões – como a guerra, a lei, a tributação, as regras e os regulamentos), o que é

extremamente dispendioso, em lugar de empregar o poder, que é muito económico.

Os dois tipos básicos de faculdades operativas do homem, razão e sensação, são inerentemente pouco fiáveis, como atesta a nossa história de uma precária sobrevivência individual e coletiva. Embora atribuamos as ações à razão, o ser humano age sobretudo por reconhecimento de padrões; a organização lógica dos dados serve em particular para melhorar um sistema de aceitação de arquétipos que, então, se torna a chamada «verdade».³ Mas nada é sempre «verdadeiro», exceto sob certas circunstâncias, e somente de um ponto de vista particular, caracteristicamente não declarado.

Como resultado, o homem que reflete deduz que todos os seus problemas surgem da dificuldade em «conhecer». Em última instância, a mente chega à epistemologia, ramo da filosofia que examina a questão de como e até que ponto o homem conhece alguma coisa. Estas discussões filosóficas podem parecer eruditas ou irrelevantes, mas as questões que desencadeiam são o cerne da experiência. Onde quer que comecemos no exame do conhecimento humano, analisamos tanto os fenómenos como a natureza da consciência. E chegamos à mesma conclusão: qualquer novo progresso na condição humana requer uma base verificável para o conhecimento, na qual possamos confiar.

Então, o principal obstáculo ao desenvolvimento do homem é a falta de conhecimento sobre a própria natureza da consciência. Se analisarmos dentro de nós os processos da mente momento a momento, logo constatamos que esta atua mais depressa do que nos apercebemos. Torna-se aparente que o conceito de que as nossas ações se baseiam em decisões ponderadas é uma grande ilusão. O processo decisório é uma função da consciência; com enorme rapidez, a mente faz escolhas com base em milhões de fragmentos de dados e nas suas correlações e projeções, muito além da compreensão consciente. Trata-se de uma função global dominada pelos padrões energéticos aos quais a nova ciência da dinâmica não linear deu o nome de *atratores*.⁴

A consciência escolhe automaticamente o que considera melhor, porque, em última instância, esta é a única função de que é capaz. O peso e o mérito relativos atribuídos a determinados dados são definidos por um padrão atrator predominante que opera no indivíduo

ou num grupo de mentes. Esses padrões podem ser identificados, descritos e calibrados; a partir desta informação, surge uma compreensão nova do comportamento, da história e do potencial destino da humanidade.

Este livro, fruto de vinte anos de pesquisa intensiva envolvendo milhões de calibrações, pode tornar esse entendimento acessível. Que esta revelação advenha de uma ligação fortuita entre a fisiologia da consciência, a função do sistema nervoso humano e a física do universo não surpreende se nos lembrarmos de que, afinal, fazemos parte de um universo onde tudo está ligado a tudo; como tal, os seus segredos estão, pelo menos teoricamente, ao nosso dispor, se soubermos onde e como procurar.

O homem consegue levantar-se pelos próprios atacadores? Porque não? Só tem de aumentar a flutuabilidade, e não terá dificuldade em ascender a um estado superior. A força não consegue fazer isto; o poder não só pode, como o faz.

O homem pensa que vive em virtude das forças que controla; mas, na realidade, ele é governado pelo poder de fontes não reveladas, que não domina. Como o poder não exige esforço, passa despercebido. A força é experienciada através dos sentidos; o poder só pode ser reconhecido pela consciência interior. O ser humano encontra-se imobilizado no estado atual pelo seu alinhamento com padrões energéticos atratores demasiado poderosos, que coloca inconscientemente em movimento. Momento a momento, dá por si suspenso neste estado de evolução, limitado pelas energias da força, impulsionado pelas energias do poder.

O indivíduo é, por conseguinte, como uma cortiça no mar da consciência – não sabe onde está, de onde veio nem para onde vai, e nem porquê. Vagueia neste enigma sem fim, repetindo as perguntas século após século, e assim continuará, se não passar por um salto quântico na consciência. Uma marca de uma expansão tão súbita de contexto e compreensão é uma experiência interior de alívio, alegria e espanto. Os que passaram por essa experiência sentiram depois que o universo lhes concedeu uma dádiva preciosa. Os factos são acumulados com esforço, mas a verdade revela-se sem dificuldade.⁵

Espero que, graças a este livro, o leitor possa compreender e preparar as condições para tal revelação pessoal; fazê-lo é a aventura suprema.

Primeira Parte

AS FERRAMENTAS

Capítulo 1

PROGRESSOS FUNDAMENTAIS NO CONHECIMENTO

A evolução deste trabalho, iniciado em 1965, foi promovida pelos progressos em inúmeros campos científicos, dos quais três foram de especial importância. A investigação clínica sobre a fisiologia do sistema nervoso e o funcionamento holístico do organismo humano resultou no desenvolvimento da nova ciência da *cinesiologia* na década de 1970.¹ Entretanto, no campo tecnológico, concebiam-se computadores capazes de milhões de cálculos em milissegundos, fornecendo as novas ferramentas da inteligência artificial.² Este acesso repentino a quantidades de dados antes inconcebíveis trouxe uma perspectiva revolucionária sobre os fenômenos naturais: a *teoria do caos*. Em simultâneo, nas ciências teóricas, a mecânica quântica desencadeou a física teórica avançada; por meio da matemática associada, surgiu o novo estudo da *dinâmica não linear* – um dos desenvolvimentos mais abrangentes da ciência moderna, de cujo impacto a longo prazo ainda não nos apercebemos devidamente.³

A cinesiologia expôs pela primeira vez a ligação íntima existente entre a mente e o corpo, revelando que a mente «pensa» com o corpo. Como tal, proporcionou-nos a via para explorar as formas como a consciência se manifesta nos mecanismos subtis por trás dos processos da doença.⁴

Os computadores avançados, que permitem a representação de grandes quantidades de dados por meio de gráficos, divulgaram sistemas insuspeitos no seio do que fora ignorado pela física newtoniana,

que o considerava apenas dados caóticos, indecifráveis ou sem sentido.⁵ De repente, teóricos de diversos campos encontraram formas coerentes de entender os elementos que tinham sido considerados incoerentes ou *não lineares*, difusos ou caóticos e, como tal, inacessíveis através da teoria da lógica probabilística convencional e da matemática.

A análise destes dados, ao que parece «incoerentes», identificou padrões energéticos ocultos, ou *atratores* (que haviam sido postulados pela matemática avançada das equações não lineares), presentes nos fenómenos naturais aparentemente aleatórios.⁶ Os gráficos de computador demonstraram o desenho desses campos atratores. O potencial implícito para analisar sistemas supostamente imprevisíveis em áreas tão distintas como a mecânica de fluidos, biologia humana e astronomia estelar parecia ilimitado. (O público, todavia, continuava de um modo geral a desconhecer o campo da dinâmica não linear, exceto pela aparição no mercado de alguns novos e intrigantes padrões de computação gráfica gerados pela geometria «fractal».)

No período anterior a estas revelações, a ciência linear deixara progressivamente de dar atenção à base da própria vida – todos os processos desta são, na realidade, não lineares. Tal isolamento também era característico da medicina, que, quando se deparava com as incríveis descobertas da cinesiologia, ignorava a informação porque não dispunha de contexto, de paradigma de realidade para a compreender. A medicina esquecera que era uma arte e que a ciência não passava de uma ferramenta dessa arte.

No seio da medicina, a psiquiatria sempre foi mantida à distância pelos tradicionalistas, porque lidava com os imensuráveis da vida humana e, como tal, parecia menos «científica», isto do ponto de vista newtoniano. Desde a década de 1950, a psiquiatria académica fez grandes progressos científicos na psicofarmacologia. No entanto, continua a ser a área mais não linear da medicina, examinando assuntos como a intuição, a tomada de decisões e todo o fenómeno da vida como processo. Embora na literatura psiquiátrica académica pouco se fale de coisas como amor, significado, valor ou vontade, a disciplina psiquiátrica tenta ter uma visão mais ampla do homem do que outros campos médicos tradicionais.

* * * * *

Independentemente do ramo pelo qual começamos – filosofia, teoria política, teologia, etc. –, todas as vias de investigação convergem num ponto comum: a busca de uma compreensão organizada da natureza da consciência pura. Mas as principais iniciativas de conhecimento humano discutidas atrás – até a cinesiologia e as dinâmicas não lineares – detêm-se perante o último grande obstáculo ao conhecimento humano que é a investigação da natureza da consciência. É verdade que alguns pensadores avançados foram além dos parâmetros dos respectivos campos e fizeram perguntas sobre a relação entre o universo, a ciência e a consciência experienciada enquanto mente.⁷ Referir-nos-emos às suas teorias e ao seu impacto no avanço da compreensão humana à medida que avançamos.

A tese do presente trabalho deriva da combinação das várias disciplinas científicas numa metodologia elegante e simples. Concluimos, assim, que a consciência pode ser investigada. Ainda que até agora não estivesse disponível nenhum mapa para um estudo desta natureza, a investigação sobre o tema produziu o próprio projeto e, com ele, o contexto necessário para compreender as suas descobertas.

Na medida em que tudo no universo se encontra ligado a tudo,⁸ não será surpreendente que um dos principais objetivos deste estudo – um mapa dos campos energéticos da consciência – se correlacione com as outras vias de investigação e seja corroborado por elas, unindo a diversidade da experiência humana e das suas expressões num paradigma abrangente.⁹ Esta percepção pode ignorar a dicotomia artificial entre sujeito e objeto, transcendendo o ponto de vista limitado que cria a ilusão de dualidade. O subjetivo e o objetivo são uma e a mesma coisa,¹⁰ como pode ser demonstrado sem recorrer a equações não lineares ou a gráficos informáticos.

Ao entender que o subjetivo e o objetivo são a mesma coisa, podemos transcender as restrições do conceito de tempo, que pela própria definição constitui um importante obstáculo à compreensão da natureza da vida, em especial na sua expressão como experiência humana. Se, na realidade, o chamado subjetivo e objetivo são um e o mesmo, então, podemos encontrar todas as respostas se simplesmente olharmos para o interior do ser humano. Basta registarmos as nossas observações para ver emergir uma grande imagem, que não pressupõe nenhuma limitação no respeitante a uma investigação mais aprofundada.

Temos constantemente ao dispor um computador mais avançado do que a mais elaborada máquina de inteligência artificial – a mente humana. A função básica de qualquer aparelho de medição é a de dar um sinal da detecção de uma ligeira alteração pelo dito aparelho. Nas experiências que descrevemos, as reações do corpo humano constituem um desses indicadores de alteração de condições. Como se verá, o corpo pode discernir, com a maior precisão, a diferença entre o que é e não é favorável à vida.

Isto não nos deveria surpreender. As coisas vivas reagem ao que é e não é favorável à vida: é o mecanismo fundamental da sobrevivência. A capacidade de detetar mudanças e de reagir para as corrigir é inerente a todas as formas de vida – por exemplo, as árvores tornam-se menores quanto maior a altitude porque o oxigénio escasseia na atmosfera. O protoplasma humano é mais sensível do que o de uma árvore.

A metodologia deste trabalho de desenvolvimento de um mapa dos campos da consciência humana procede do estudo da dinâmica não linear e é conhecida como *investigação dos atratores*. Dedicase à identificação dos intervalos de poder dos campos energéticos utilizando a análise do ponto crítico.¹¹ (Técnica derivada de em qualquer sistema demasiado complexo existir um ponto crítico específico no qual a menor contribuição resultará na maior mudança. Por exemplo, as grandes rodas dentadas de um moinho de vento podem ser imobilizadas se tocarmos ao de leve no mecanismo de escape correto, e é possível deter uma locomotiva gigante se soubermos onde apoiar um dedo.)

A dinâmica não linear permite que estes padrões significativos sejam identificados em apresentações complexas, mesmo quando obscurecidos pela incoerência ou pela mera quantidade de dados indecifráveis. Ela descobre a relevância no que o mundo descarta como irrelevante, usando uma abordagem e métodos de resolução de problemas diferentes daqueles a que o mundo está acostumado.¹²

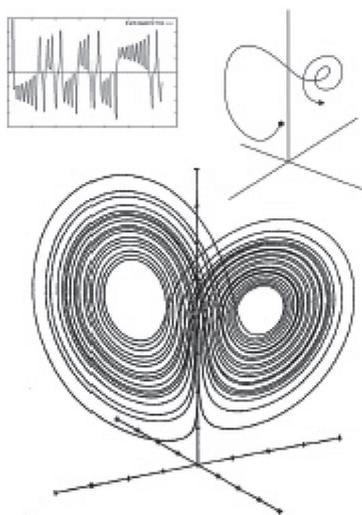
Convencionalmente, o mundo assume que a resolução de problemas requer começar pelo conhecido (a pergunta ou as condições) e chegar ao desconhecido (a chamada resposta) numa sequência temporal que segue etapas definidas e uma progressão lógica. A dinâmica não linear move-se na direção oposta: do desconhecido (os dados não deterministas da pergunta) para o conhecido (a resposta)! Ela opera

dentro de um paradigma de causalidade diferente. O problema é mais uma questão de definição e de acesso do que de sequência lógica (como quando resolvemos um problema com equações diferenciais).¹³

Antes de tentar definir as perguntas deste estudo, examinemos com mais pormenor algum do material que referimos.

ATRADORES

Atrator é o nome dado a um padrão identificável que emerge de uma massa de dados aparentemente sem sentido. Existe uma coerência oculta em tudo o que parece incoerente. Esta coerência interna foi inicialmente demonstrada na natureza por Edward Lorenz ao estudar gráficos computacionais derivados de padrões climáticos durante longos períodos. O padrão atrator que ele identificou tornou-se entretanto bastante famoso e é conhecido pelo nome de «borboleta de Lorenz».



Diversos tipos de atratores são identificados por nomes diferentes, por exemplo, *atratores estranhos*. Mas o mais importante para a nossa investigação é a descoberta de que alguns padrões são muito poderosos e outros são bem mais fracos. Existe um ponto crítico que diferencia estas duas classes. Trata-se de um fenómeno paralelo e também de um corolário das ligações de alta e baixa energia presentes na matemática das ligações químicas.

CAMPOS DE DOMÍNIO

Os padrões de alta energia revelam um campo de domínio na sua influência sobre os mais fracos. Isso pode ser comparado com a coexistência de um campo magnético pequeno dentro do campo bem maior e mais potente de um eletroímã gigante. O universo fenomenológico é a expressão da interação de infinitos padrões atratores de diferente intensidade. As complexidades intermináveis da vida são os reflexos das intermináveis reverberações dos aumentos e reduções desses campos, compostas pelos seus harmônicos e outras interações.

ANÁLISE DO PONTO CRÍTICO

O tradicional conceito newtoniano de causalidade (ver adiante) excluía todos os dados «não deterministas» porque essa informação não se encaixava no seu paradigma. Com as descobertas de Einstein, Heisenberg, Bell, Bohr e outros, o nosso modelo do universo expandiu-se rapidamente. A física teórica avançada demonstrou que tudo no universo é subtilmente dependente de tudo, com o qual interage.¹⁴

O clássico universo newtoniano de quatro dimensões é muitas vezes descrito como um relógio gigante, em que as três dimensões do espaço manifestam processos lineares no tempo. Se olharmos para relógios mais simples, veremos que algumas engrenagens se movem lenta e pesadamente, enquanto outras são rápidas, e pequenos balanços giram enquanto os mecanismos de escape oscilam para a frente e para trás. Pressionar uma das grandes rodas dentadas teria pouco efeito no mecanismo; todavia, existe algures um delicado mecanismo de equilíbrio em que o menor toque detém todo o dispositivo. Este é identificado como o «ponto crítico», onde a menor força exerce o maior efeito.

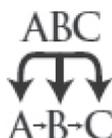
CAUSALIDADE

No mundo observável, assumiu-se convencionalmente que a causalidade funciona da seguinte forma:

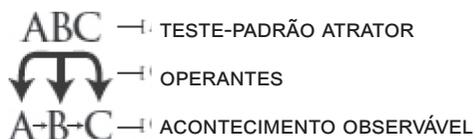
$$A \rightarrow B \rightarrow C$$

Chama-se a isto sequência linear determinista: como bolas de bilhar que batem sucessivamente umas nas outras. O pressuposto implícito é que A causa B, que por sua vez causa C.

Mas a nossa investigação indica que a causalidade opera de forma diferente, em que o complexo do padrão atrator «ABC» se divide através dos «operantes» e é expresso como a aparente sequência de percepção «A, depois B, depois C».



A partir deste diagrama, vemos que a fonte (ABC), que não é observável, resulta na sequência visível $A \rightarrow B \rightarrow C$, que é um fenómeno observável no mundo tridimensional mensurável. Os problemas típicos que o mundo tenta resolver existem no nível observável de $A \rightarrow B \rightarrow C$. Mas o nosso trabalho é encontrar o padrão atrator inerente, o ABC do qual o $A \rightarrow B \rightarrow C$ parece surgir.



Neste diagrama simples, os operantes transcendem tanto o observável como o não observável; podemos imaginá-los como um arco-íris que une os reinos determinista e não determinista. (A existência dos chamados operantes pode ser inferida fazendo a pergunta: «O que engloba tanto o possível como o impossível, o conhecido e o desconhecido?» Por outras palavras, qual é a matriz de todas as possibilidades?)

Esta descrição de como o universo funciona está de acordo com as teorias do físico David Bohm, que descreveu um universo holográfico com uma ordem invisível implícita («dobrada») e outra, manifesta e explícita («desdobrada»).¹⁵ Mas é fundamental referir que esta noção científica corresponde à visão da realidade experienciada através da história pelos sábios iluminados que evoluíram além da consciência

dual e atingiram o estado de consciência pura.¹⁶ Bohm postula a existência de uma fonte que se encontra para lá dos reinos explícito e implícito, semelhante ao estado de consciência pura descrito pelos sábios.¹⁷

O advento dos supercomputadores de inteligência artificial permitiu que as teorias da dinâmica não linear fossem aplicadas ao estudo da função cerebral pela técnica do *modelo neurofisiológico*.¹⁸ A função da memória, em particular, está a ser estudada com recurso a modelos neuronais, entre os quais foram identificadas redes de atratores. Segundo as conclusões da investigação atual, as redes neurais do cérebro atuam como padrões atratores, de modo que o sistema não se comporta de forma aleatória, embora cada neurónio individual o possa fazer.¹⁹

Os modelos neurais revelam uma classe de redes chamadas «sistemas de satisfação de restrições».²⁰ Nestes sistemas, uma rede de neurónios interligados opera dentro de uma série de limites e, como tal, configura padrões atratores, estando alguns a ser identificados como psicopatologias.²¹ Este tipo de modelos correlaciona o comportamento com a fisiologia e é paralelo aos resultados do nosso teste muscular cinesiológico, demonstrando a ligação entre mente e corpo.

Em termos derivados da *teoria do caos*, o estudo clínico descrito nas próximas páginas identificou um *espaço-fase*, abrangendo todo o leque da evolução da consciência humana. Dentro deste leque, foram assinalados numerosos padrões atratores de crescente poder. Estes representam campos de energia que são qualidades da própria consciência e não de qualquer indivíduo em particular, como é demonstrado pela sua ocorrência em grandes populações durante longos períodos, independentemente dos testadores ou dos testados.

A evolução da consciência e o desenvolvimento da sociedade humana podem ser representados nos termos matemáticos da dinâmica não linear. O nosso estudo ocupou-se de um conjunto limitado de parâmetros de consciência que calibrámos de 1 a 1000. Estes números retratam o logaritmo (de base 10) do poder dos respetivos campos. A totalidade do campo ou espaço-fase da consciência é ilimitada, estendendo-se ao infinito. O intervalo de 1 a 600, que constitui o domínio da maioria da experiência humana, é o principal âmbito deste estudo; os níveis entre 600 e 1000, o domínio da evolução não

comum – o da iluminação, dos sábios e dos estados espirituais mais elevados – será descrito mais tarde.

Dentro do campo estudado surgiram padrões sequenciais que identificam os poderes progressivos dos campos atratores com variações locais, mas de consistência global. Os chamados «atratores estranhos» podem ser de alta ou baixa energia e o ponto crítico nos nossos dados parece ser o nível de calibragem 200, abaixo do qual o poder dos atratores poderia ser descrito como fraco ou negativo, acima do qual como forte ou positivo. Quando chegámos à calibragem 600, eles eram extremamente poderosos.

Um elemento importante da teoria do caos, útil na compreensão desta evolução da consciência, é a *lei da dependência sensível das condições iniciais*.²² Esta refere-se ao facto de uma pequena variação ao longo de um intervalo de tempo poder produzir uma mudança profunda,²³ como um navio cujo rumo se desvia um grau na bússola e acaba a centenas de quilómetros do destino previsto. Este fenómeno, ao qual nos referiremos em pormenor, é um mecanismo essencial de toda a evolução e também subjaz ao potencial do processo criativo.

* * * * *

De uma maneira geral, podemos ver que o homem tenta atribuir algum sentido à enorme complexidade e frequente imprevisibilidade do seu comportamento desde tempos imemoriais. Construíram-se inúmeros sistemas para tornar compreensível o incompreensível. «Fazer sentido» tem geralmente como significado ser definível em termos lineares: lógicos e racionais. Mas o processo, e, como tal, a experiência da vida, é orgânico – isto é, não linear por definição. Esta é a fonte da inevitável frustração intelectual do homem.

Neste estudo, porém, as reações aos testes foram independentes dos sistemas de crenças ou bagagem intelectual dos testados. Surgiram padrões de campos energéticos característicos da própria consciência, desligados das identidades individuais. Na linguagem comum do cérebro esquerdo/cérebro direito, poderíamos dizer que os testados reagiram globalmente a um campo atrator, sem ter em conta as variações individuais da lógica, da razão ou dos sistemas de pensamento sequencial do cérebro esquerdo. Os resultados indicam

padrões profundamente poderosos que organizam o comportamento humano.

Como tal, podemos intuir a existência de um domínio infinito de potencial infinito – a consciência –, dentro do qual um campo atrator extremamente poderoso organiza todo o comportamento humano naquilo que é inato à «humanidade». Dentro do campo atrator gigante existem campos menores com progressivamente menos energia e poder. Estes campos, por sua vez, dominam o comportamento, de modo que os padrões definíveis são consistentes nas diferentes culturas e tempos ao longo da história humana. As interações destas variações no seio dos campos atratores compõem a história da civilização e da humanidade. (Um estudo adicional aqui não descrito indicou que os reinos animal e vegetal também são controlados por campos atratores ordenados segundo poderes hierárquicos.)

O nosso estudo correlaciona-se bem com a hipótese dos «campos morfogenéticos» de Rupert Sheldrake, bem como com o modelo holográfico da função cérebro-mente de Karl Pribram.²⁴ (De referir que, num universo holográfico, os feitos de cada indivíduo contribuem para o progresso e bem-estar do todo.) O nosso estudo também se correlaciona com as conclusões obtidas pelo nobelizado Sir John Eccles, de que o cérebro atua como recetor de padrões energéticos que residem na própria mente, a qual existe como consciência expressa sob a forma de pensamento.²⁵ É a vaidade do ego que afirma que os pensamentos são «meus». Por outro lado, o génio costuma atribuir os saltos de consciência criativos a essa base de toda a consciência, tradicionalmente chamada divindade.